

# Boletim Informativo

Ano XXVII nº 3/2024

Sociedade de Psicanálise de Brasília



Marc Chagall Post (Saint Jean Cap Ferrat, 1952)  
Site da Amazon

# A presença da SPBsb no Congresso da Fepal

Mirian Ritter

Presidente da SPBsb - gestão 2023/2024



Estávamos no Rio de Janeiro, na bela cidade contornada pela encantadora natureza, aguardando a abertura do 35º Congresso Latino-Americano de Psicanálise, que aconteceu de 15 a 19 de outubro de 2024. Deparei-me com um auditório nada costumeiro ou tradicional em relação a tantos outros em que estive representando a nossa Sociedade.

“No palco da cena da abertura”, os convidados e a comissão organizadora do Congresso da Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal) estavam distribuídos em confortáveis sofás. Ali já se encontravam, entre outros ilustres, Harriet Wolfe, presidente da IPA, sorridente e aparentemente surpresa com o que via e ouvia. Lá estavam também: Ruth Nadin, da SBPRJ (Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro) e Roberto Santoro, da SPRJ (Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro), ambos presidentes destas sociedades; Thércio Brasil, da Organização de Psicanalistas em Formação

da América Latina (Ocal), Marina Massi, coordenadora científica do congresso, eficiente e experiente na organização de eventos e expoente em outros campos da psicanálise como as publicações; a nossa brilhante Wania Cidade, doce, atenciosa, ouvinte com afeto, que muito investiu pessoalmente para o sucesso do congresso. A apresentação da abertura foi feita por Samantha Negrini e Carlos Lisboa.

A abertura do Congresso foi tocante, emocionante, afetiva, com lágrimas correndo em muitos rostos, inclusive o meu. Houve a tocante homenagem a Joyce Goldstein, falecida recentemente e que teve uma dedicação elogiável na organização do congresso. Wania Cidade chorou com a perda de Joyce, sem querer esconder as lágrimas. Marina Massi, uma pequena grande mulher, falou com improviso e proximidade que deveríamos e poderíamos usufruir da nossa “casa Fepal”.

Após as belas falas de Ruth e Santoro, assistimos a um belo vídeo de nossos colegas que nos deixaram para sempre. Foram muitos. Lá estava a nossa querida **Maria Helena Lima de Oliveira Castro**, tão bonita e sorridente como sempre. Maria Helena deixa um vazio em nossa Sociedade.

Houve no congresso da Fepal a apresentação de excelentes trabalhos com um colorido de tendências de muitos autores, ficando impossível ver um pouquinho de cada palestrante escolhido. Pelo congresso, passaram contemporâneos de Freud até chegar aos novos autores já conhecidos ou quase

nada conhecidos, talvez, pelos psicanalistas.

Com liberdade de expressão, tivemos Machado de Assis, por exemplo, no livro *O espelho*, um belo trabalho. Começo a visita aos auditórios, destacando trechos da fala de **Cláudio Laks Eizirik**, ex-presidente da IPA e, como ele mesmo se expressou, com um longo percurso nas nossas instituições psicanalíticas. Destaco alguns trechos ditos por ele que mostram os novos momentos que vivemos na nossa IPA, Fepal, Febrapsi e sociedades de psicanálise. Na sua explanação:

“Entre o dogmatismo, a tradição e a abertura nas instituições psicanalíticas [...], qual a importância da tradição? Em nosso caso, somos herdeiros da monumental obra freudiana e de seus contemporâneos, bem como analistas que continuaram e continuam desenvolvendo e transformando a psicanálise que caracterizei como obra em construção”

“A tradição não existe para que repitamos sensivelmente, nem para nos opormos a ela cegamente. Serve como base, um conjunto de fundação e recomendações baseadas numa experiência secular, de milhares de horas analíticas, que nos ajudam a escolher, numa espécie de fetiche, que não admite discussão e controvérsia; a manutenção de currículos ao longo do tempo, sem renovação e avaliações por parte de professores e alunos; a crença de que só se faz psicanálise o que se faz no consultório. As instituições psicanalíticas onde predominam o dogmatismo, o



fanatismo teórico ou ideologia, podem, às vezes, adquirir uma certa dimensão religiosa”

**Paola Amendoeira** escreveu e apresentou o trabalho “Intolerância e Fanatismo: do claustro da realidade psíquica à possibilidade binocular – problemas para o indivíduo e para o grupo”. Partindo de uma breve vinheta clínica, o trabalho abordou a adolescência como um período crucial para a transformação de preconceitos iniciais em preconceitos plenamente articulados, que podem culminar em atos de discriminação ou violência. Sob a perspectiva psicanalítica e com base em autores como Elisabeth Young-Bruehl, Vamik Volkan e Pichon Rivière, o estudo analisou o surgimento da mentalidade fanática como uma trama psíquica complexa e dinâmica entre o Eu e o grande grupo. O trabalho destacou como fantasias inconscientes de onipotência, imortalidade e pertencimento exclusivo a um grupo privilegiado se organizam como defesas contra a ansiedade, oferecendo uma visão de mundo simplificada, dogmática e maniqueísta. A identificação grupal, reforçada por elementos idealizados compartilhados, gera um senso de pertencimento e segurança que frequentemente evolui para uma mentalidade rígida e inflexível. Nesse contexto, o conceito de visão binocular surge como uma possibilidade

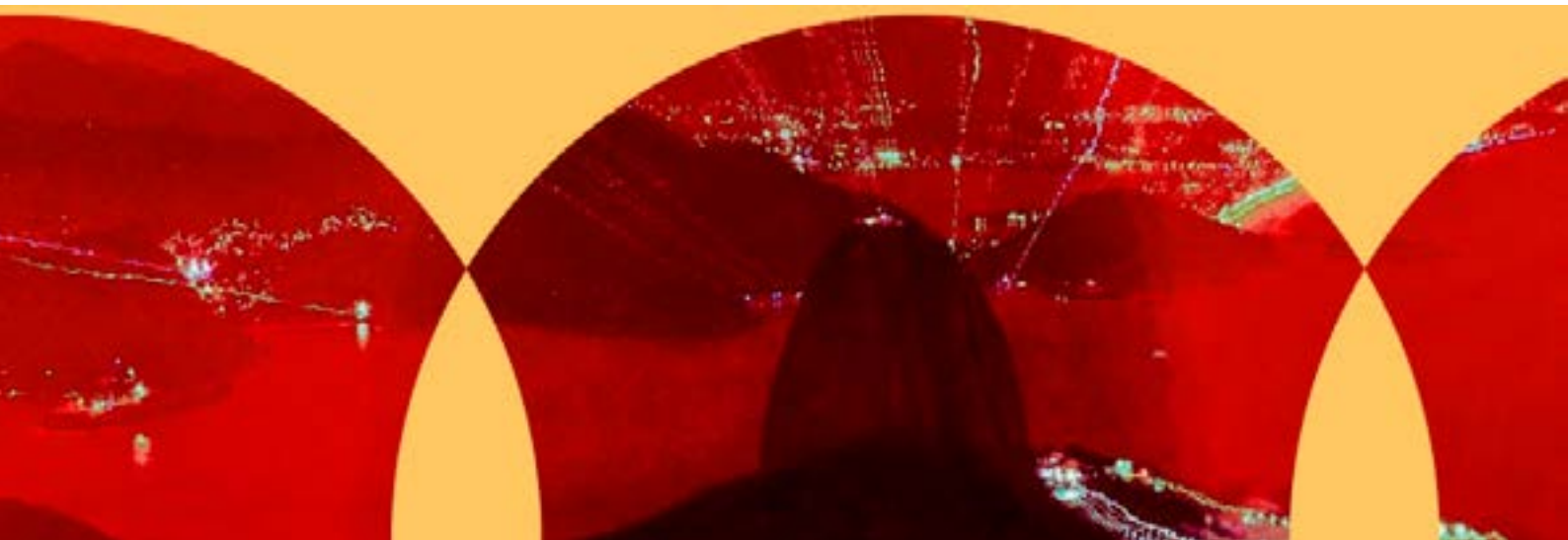
de articulação e transformação, integrando o princípio da realidade com o princípio do prazer, de modo a reconciliar o *logos* com o sentir.

**Beth Mori** teve uma participação significativa no congresso. Ela fez parte de uma plenária e de duas mesas redondas. Na plenária, realizada com Dora Tognoli (SBPSP) e Miguel Calmon (SBPRJ), discutiu-se o tema “A questão moral e o fanatismo”. Beth apresentou o texto “O fascismo perene: resistir é preciso!”, inspirado no livro de Umberto Eco *O Fascismo Eterno*. Eco propõe 14 características para identificar o “Ur-fascismo”, e Beth destacou algumas que ainda reverberam na contemporaneidade. Além disso, seu trabalho dialogou com Nietzsche e sua obra *Genealogia da Moral*, que critica profundamente a moralidade ocidental, historicizando suas origens e questionando os valores tradicionais, especialmente os cristãos, argumentando que eles nascem do ressentimento e da fraqueza, em contraste com a força e vitalidade. A conclusão do trabalho contou com uma reflexão feita por Maria Rita Kehl, que utiliza as ideias de Nietzsche para pensar o ressentimento. Na mesa redonda intitulada “Observatório Psicanalítico: os caminhos da psicanálise pelas veias abertas da América Latina em tempos de fanatismo e intolerância”, Beth apresentou o

texto “Observatório Psicanalítico: Acontecimentos e curadoria em uma rede inacabada de relações”. Nesse trabalho, ela explorou o funcionamento da curadoria do Observatório Psicanalítico (OP) e destacou a riqueza do processo, que envolve o questionamento sobre a precisão das lentes pelas quais os psicanalistas compreendem o mundo contemporâneo. A mesa contou com a participação de Mariano Horestein (APC), Carolina Garcia, editora da revista *Calibán* (APU), e Moisés Lemlij, do Peru.

Na última mesa, com o tema “Formação e alienação”, Beth levantou questões provocativas: “Por que muitos psicanalistas permanecem alheios ao seu entorno? Quais as consequências desse alheamento? A formação psicanalítica inclui o contexto histórico em que vivemos? Estamos preparados para as demandas do mundo contemporâneo e suas rápidas transformações?”. Ela apresentou o texto “Aprendiz de feiticeiro – tornar-se psicanalista”, um trabalho de 30 anos que permanece atual ao abordar como certas práticas na formação podem prejudicar a criatividade dos membros em formação. Compartilharam a mesa Laura Verissimo (APU), Cecilia Orsini (SBPSP), Cris Takata, presidente da AMIF (Associação de Membros do Instituto de SP), e Raul Terra, do Sedes.

**Lúcia Passarinho** participou da mesa “Fanatismo e



# Agradecimento

Helena Daltro Pontual

Membro associado da SPBsb e da SBPSP

E lá se vão 15 anos de edição do Boletim Informativo da SPBsb (ele já existia muito antes). Ainda fazia formação e morava em Brasília quando Carlos Vieira e Cláudia Carneiro me convidaram para fazer o BI. Aceitei. Antes disso, já ajudava a Cláudia nessa tarefa. Vim de mudança para São Paulo em julho de 2013, já concluída minha formação pela SPBsb. Voltei rapidamente a Brasília em novembro de 2014 para apresentar meu trabalho e obter o título de analista, membro associado da Sociedade. Em seguida, também me tornei membro associado da SBPSP.

Continuei editando o BI, tarefa que fiz com muito gosto e dedicação. Aprendi muita coisa lendo e editando os diversos textos dos colegas de Brasília, que enriqueceram páginas e páginas dessa publicação trimestral, editando fotos e imagens, pesquisando qual seria a capa, de quem faria a biografia etc. O BI tem sua importância por informar as atividades da nossa Sociedade para todos que o leem, bem como para publicar e difundir textos e ensaios psicanalíticos diversos, inclusive os que conversam com outras ciências. Há algum tempo, o BI pode ser lido na WEB, está no site da Sociedade, junto com as demais publicações.

Quero aqui agradecer a todos os colegas que tanto contribuíram para tornar o BI interessante e informativo. Sou muito grata à amiga Lannusa, minha parceira de trabalho todos esses anos, que com seu empenho, dedicação e competência fez a diagramação e deu suporte para a publicação do BI. Agradeço também à Cláudia e ao Carlos Vieira por essa oportunidade. Enfim, missão cumprida.

Hora de mudanças. Agora a bola está com a nova diretoria eleita da SPBsb. Desejo boa sorte, bom trabalho e continuidade nas publicações feitas pela Sociedade.



transgeracionalidade”, com as colegas Ana Rosa Trachtenberg, da SBPPA e Silvia Resnizky, da APBA. Lúcia apresentou um estudo clínico de um jovem casal, cuja história pessoal de cada um dos pares se entrelaçam em uma trama e convicções que os levaram a uma adesão extrema de dogmas religiosos, crenças e escolhas que causaram muita dor e sofrimento a ambos. Os trabalhos das três apresentadoras conversavam entre si e com o caso apresentado por Lúcia.

Nosso colega **Carlos Frausino** fez uma brilhante apresentação de um trabalho em homenagem a Virginia Bicudo, demonstrando profunda dedicação e respeito à sua trajetória. A mesa foi coordenada por Paola Amendoeira.

Sinto uma enorme gratidão por estar na Sociedade de Psicanálise de Brasília. A minha sociedade me possibilitou um maior desenvolvimento como pessoa, como psicanalista e me introduziu a um mundo novo em 1985. Agradeço muito por tudo que recebi. São tesouros de muito valor. Não posso fazer uma lista de todos, pois meu relatório se estenderia por páginas e páginas.

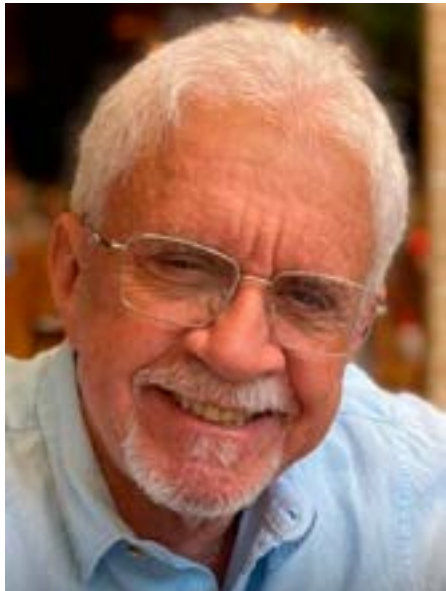
Sempre me surpreendi quando era convidada a coordenar qualquer trabalho, modestamente digo que foi um punhado. Convites formais para participação em diretorias ocorreram durante 14 anos de forma intermitente. Não vou deixar minha SPBsb. Mas, desta vez, eu espero, será apenas para ouvir meus colegas e participar de eventos.

Com meu coração apertado, já cheio de saudades, eu agradeço por tudo que vivi e continuarei vivendo na minha Sociedade de Psicanálise de Brasília.

# De suposições cruzadas...

Avelino Ferreira Machado Neto

Analista Didata da SPBsb e membro efetivo da SBPSP



Prefiro o vértice e o modelo horizontal para pensar as questões da vida, inclusive as institucionais, em vez do modelo vertical. Explico: o olhar vertical, por sustentar-se em um único ponto, é frágil. Não possui a resiliência do bambu, que nossos indígenas e primos asiáticos e africanos aprenderam a usar, observando como ele resiste aos abalos sísmicos. O modelo vertical é ainda mais frágil quando se constitui pelo ferro e cimento das supostas certezas. Uma ponte que cruza rodovias, rios ou mares, mesmo sendo feita de ferro e cimento, precisa ter o bambu como modelo de construção. Caso contrário, desaba com facilidade, causando tragédias. É verdade que não dá para usar pinguelas em amplidões — sejam elas materiais ou psíquicas. No entanto, quem já atravessou um riacho em uma pinguela sabe do equilíbrio necessário para não cair. E, se cair, nem sempre se afoga; às vezes, pode-se contar com a companhia de alguém para estender a mão.

No modelo horizontal, há passos; não adrenalizantes escaladas,

onde o objetivo é sobreviver “por cima”. O caminhar horizontal é passo a passo, sem a busca por uma posição superior. No vertical, vejo algo semelhante às brincadeiras do meu netinho de seis anos, Felipe, com super-heróis e vilões. Ele, no entanto, já sabe distinguir entre ser e fazer de conta que é. Uau! E, até hoje, nunca fez um dia sequer de psicanálise. Se um dia optar por isso, espero que tenha a mesma sorte que tive com meus dois analistas: pessoas que souberam não ser omissas, sem, no entanto, serem intrusivas. Essa é a sorte que desejo para ele, caso decida se aprofundar nessa área. E que seja acolhido em uma casa diferente da Casa Tomada, de Julio Cortázar.

Caminhando na horizontalidade das causas e coisas institucionais, o percurso é o caminhar passo a passo. Espera-se que não haja atropelos deslizantes nem postergações que inibam o crescimento natural. O início acontece de alguma forma: em qualquer escola, com ou sem CNPJ, alguém bate à porta e alguém da casa a abre. Nesse ato, surgem dois estranhamentos: o de quem bate e o de quem abre. Diante do estranhamento, há dois caminhos: ou se conhece o estranho, ou se evita. Caso optem pelo conhecimento, ambos — quem chega e quem recebe — estabelecem uma parceria. E, ao caminhar no chão, com humildade (lembrando que humildade vem de húmus, o “pé no chão” natural), essa parceria se fortalece. Quem chega percorre um caminho inicial semelhante ao de quem o recebe, que, por sua vez, já trilhou esse percurso e segue adiante. Aos poucos, aquele que adentra a casa é reconhecido como alguém mais preparado do que

quando iniciou sua formação. Esse aprendizado envolve lidar com as emoções despertadas no processo, algo muitas vezes chamado de contratransferência. Nem todos permanecem. Alguns desistem, por diferentes motivos e motivações. Os que continuam, mesmo que às vezes rasguem os pés no caminho, chegam ao momento em que a casa os reconhece: “Agora, você é daqui.” E assim seguem, passo a passo, aprendendo com as vicissitudes, até alcançar um nome, um título — e depois outro, e outro, sempre na horizontalidade do caminhar.

A verticalidade, por outro lado, subverte a realidade. Sua base estreita faz com que aqueles que se percebem no topo se considerem superiores aos demais. Essa suposição de superioridade cria falsas hierarquias e reforça a ideia de inferioridade em quem não está nesse suposto pico. O perigo dessas suposições é que, repetidas e intensas, podem adquirir o estatuto de verdade e passar a reger comportamentos — nem sempre desejáveis ou esperados, especialmente entre analistas e formadores de analistas.

Disputas de poder por apoderamento ou desapoderamento ocorrem, muitas vezes mascaradas por debates que, na verdade, encobrem dores e defesas. Entre elas, a principal é o contra-ataque ao que se percebe como ataque — mesmo que nem sempre alucinado ou delirante, mas suficientemente real para quem o vivencia.

Imagino um amigo, colega de caminhada, argumentando que o modelo oblíquo poderia ser mais adequado para tratar das questões institucionais. Pode ser. Contudo, a obliquidade requer sustentação horizontal — estacas no chão. Pés descalços no chão, sem botas artificiais. É ali, no solo firme, que se constrói o verdadeiro caminhar.



# Reconhecimento e respeito

Sylvain Levy

Membro Associado da SPBSb



Vou contar para vocês igualzinho a como essa história chegou para mim.

Um padre católico requereu ao Serviço de Identificação de Israel um documento de identidade como sendo judeu. Apesar de apresentar farta documentação, que incluía certidão de nascimento com a comprovação de ser filho de pai e mãe judeus, certidões de circuncisão e bar mitzvah (cerimônia de confirmação e passagem para vida adulta realizada aos treze anos), a sua petição foi negada. O padre foi recorrendo à várias instâncias, passando pelo Colégio do Grão Rabinato até chegar ao Tribunal Superior, equivalente ao nosso STF. Ali foi negada em definitivo, sob a alegação de que “um judeu para ser considerado judeu deve ser reconhecido como judeu na comunidade na qual estiver inserido”, o que evidentemente não era a situação do prelado católico.

Sentença tipo João sem braço? Desculpa forçada para a negativa? Descoberta racional para um processo mais religioso que administrativo?

Sei lá, os meandros da justiça são sempre enigmáticos e pródigos em segredos e mais melindrosos que os sigilos do confessorário.

Mas o que essa história tem a ver conosco, psicanalistas e com nossas sociedades e institutos de formação?

Usando a mesma lógica da Suprema Corte Israelense questiono: a psicanálise, os psicanalistas e nossas instituições somos reconhecidos em nossas comunidades e, se sim, como o que?

Nos últimos tempos temos conversado um pouco mais que em anos anteriores, sobre a profissionalização da psicanálise e a sobre a disseminação de cursos de formação pelas mais diversas organizações, sejam elas, associações ou conselhos “de classe”, faculdades e universidades legalmente constituídas, escolas livres e todos os demais tipos de “locais de aprendizado”, com cursos de duração de seis meses a quatro anos, oferecidos de forma presencial e à distância, como ou sem análise didática e supervisões. É uma miríade de oportunistas de toda ordem que oferecem reconhecimento, diploma e autorização para clinicar como psicanalistas.

Creio que essas iniciativas, a par de qualquer julgamento ético ou conceitual, comprovam que a psicanálise está inserida nas nossas comunidades e reconhecida como ofício e atividade de valor. O mesmo para os psicanalistas, independente de qual sua origem de formação, pois se revela uma profissão com múltiplos atrativos e de desempenho livre, pois não existe regulamentação que

defina, restrinja ou cerceie a sua prática clínica ou seu ensino.

Porém, “(ai, porém),

Há um caso diferente

Que marcou um breve tempo

Meu coração para sempre

Era dia de Carnaval”, nas palavras definitivas de Paulinho da Viola, em “Foi um rio que passou em minha vida”. Só que não, não é nem nunca foi um dia de Carnaval, onde tudo ou quase tudo é permitido.

Nossas instituições, Sociedade e Instituto, estão inseridas nas comunidades aonde atuam? E são reconhecidas? Tomemos a situação em Brasília. Sim, temos CGC, Registro no GDF, pagamos taxas, publicamos editais regularmente, temos reconhecimento cartorial, ou seja, administrativamente estamos conhecidos e reconhecidos. Culturalmente abrimos espaços para participação da comunidade mediante cursos abertos e eventos públicos.

Cientificamente atuamos na promoção de palestras e seminários e participamos de outros tantos em outras instituições. Somos respeitados.

Mas será “tudo isso” suficiente para estabelecer junto à comunidade do Distrito Federal uma linha demarcatória entre o que é uma psicanálise ética e comprometida com as “boas práticas” desde sua formação (deixando claro que a SPBSb não detém o monopólio de formações dessa estirpe) e o que é oferecido por outras entidades sem história e sem comprometimento com a psicanálise.

Penso ser esse um desafio permanente não só para a SPBSb e Instituto Virginia Leone Bicudo, mas para todos nós que amamos e praticamos a psicanálise.

# Até sempre, Maria Helena

Helena Daltro Pontual

*Membro associado da SPBsb e da SBPSP*

Foi com grande pesar e tristeza que soubemos do falecimento da psicanalista Maria Helena Lima de Oliveira Castro, membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb) e membro associada da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Maria Helena faleceu no dia 10 de outubro último, e a cerimônia de despedida ocorreu no dia seguinte, 11/10, com seu sepultamento no Cemitério Campo da Esperança, em Brasília.

Amigos, psicanalistas e familiares foram dar o último adeus a essa pessoa extraordinária, professora da SPBsb, que com seu grande conhecimento e percepção da alma humana ajudou muitos colegas a se tornarem psicanalistas. Estava sempre atenta às necessidades e curiosidades de seus alunos e pronta para conversas e esclarecimentos no final das aulas de formação. Uma mulher sensível, doce e ao mesmo tempo forte e determinada, que passou por dores indescritíveis ao perder duas filhas ao longo de sua vida.

Maria Helena, chamada carinhosamente de Nina, era esposa do também muito querido e respeitado psicanalista Ronaldo Mendes de Oliveira Castro, membro didata da SPBsb e também membro da SBPSP. O casal foi homenageado em junho de 2023 com uma placa comemorativa na qual a diretoria da SPBsb, então presidida por Mirian Ritter, manifesta gratidão e carinho pela dedicação, conhecimento e experiência de ambos à Sociedade.

Maria Helena e Ronaldo tiveram cinco filhos (Jorge Mendes de Oliveira Castro Neto, Ronaldo Mendes de Oliveira Castro Filho, Roberto Mendes de Oliveira Castro, Maria Cristina Lima de Oliveira Castro e Maria Cecília Lima de Oliveira Castro, ambas falecidas); nove netos (Bruna, Marcelo, Cristina, Maria Luiza, Renato, Victor, Maria Eduarda, Diogo e Maria Fernanda) e dois bisnetos (Bernardo e Alice).

Aderimos à carta de condolências feita pela Federação Psicanalítica da América Latina (Fepal), na qual manifesta seu pesar e solidariedade por essa perda, observando que a memória de Maria Helena permanecerá em todos nós que a conhecemos e continuará inspirando a comunidade psicanalítica nacional e internacional.

Manifesto particularmente minha gratidão à Maria Helena, mestra e sempre disposta a me orientar, dirimir dúvidas, acreditar no meu potencial e conversar sobre tantos assuntos durante a formação. Como era bom conversar com ela!

Aproveito este breve texto para também agradecer ao Ronaldo. Que bom tê-lo conhecido como meu professor na pós-graduação em Teoria Psicanalítica. Decidi que faria análise didática com ele, tamanha minha transferência e confiança. Ainda bem que ele aceitou. Quantas coisas aprendi e vivenciei durante minha formação e convivência com Ronaldo. Rica experiência! Ronaldo tornou-se um grande amigo e uma fortaleza continente em momentos difíceis.

Viva Maria Helena!

Viva Ronaldo!

Não dá para falar de um sem falar do outro, tamanho seu amor e companheirismo e tamanha minha gratidão a ambos.



# AMIP realizou seis encontros para debater textos de autores psicanalistas

A AMIP - Associação de Membros do Instituto de Psicanálise Virgínia Bicudo sentiu-se muito honrada e com alegria e gratificação viveu momentos ricos de encontro entre membros do Instituto e diversos membros da Sociedade de Psicanálise de Brasília, sejam associados, titulares ou didatas. Foram organizados eventos com o título de *Autor Presente* e *O Sonho do Analista*, que podem ser encontrados no nosso Instagram e assistidos no nosso endereço do Youtube.

No *Autor Presente* didatas escolheram um artigo de sua autoria publicado na Revista Alter e um dos analistas em formação teve a oportunidade e a disposição de apresentar o texto, seguido de observações do próprio didata e discussão grupal, em que conhecimentos e associações livres puderam ser compartilhados. Tivemos três eventos com participação de Avelino Neto e Thibaut Antoine com o texto "Armarinho da Rua Sete"; Roberto Calil Jabur e Luciano Espírito Santo com o texto "A Caverna dos Sonhos Esquecidos"; Silvia Helena Dutra de Carvalho Heimburger e Bruno Sahium Daher com o texto "Prazer e Realidade na Criatividade Artística"; o último evento do ano ocorreu no dia 5 de dezembro, com Tito Nícias R. T. da Silva e Renata Bittencourt Carvalho com o texto "De como Melaine Klein mudou minha vida e outras coisas mais".

Tivemos um evento do *O Sonho do Analista*, com comentários da psicanalista Teresa Lírio de um sonho trazido por Victor Rabelo de um de seus analisandos. Estes dois apresentadores e leitores do sonho propiciaram a vivência ímpar da participação da plateia de sonhar a partir do mesmo sonho, em que assistimos a multiplicidade de trocas e intersubjetividades fazendo-se presentes.

Os eventos foram acompanhados de um coquetel, onde pudemos nos reencontrar, conhecer novos membros, estimulando a convivência e aproximação dos participantes. Retornaremos às atividades da AMIP em 14 de março de 2025 com o projeto do *Autor Presente* e participação da analista didata Keyla Preim Vale e psicanalista em formação Larissa de Andrade. Desejamos um Feliz Natal e Próspero Ano Novo a todos.



Ségismar de Andrade Pereira e Selme Cristine Vieira Araújo, diretores da AMIP



# Febrapsi participa da 76ª reunião da SBPC, em Belém



A 76ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), realizada em 11 de julho na Universidade Federal do Pará (UFPA), contou com a participação de psicanalistas da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), que debateram em mesa redonda o tema “Psicanálise, arte e religião: como sustentar um futuro que nos falta?”.

A mesa foi coordenada por Renata Arouca, diretora do Conselho Profissional da Febrapsi e membro associada da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb), e teve como palestrantes Maria Luiza Gastal, também da SPBsb, Bruno Profeta Guimarães Figueira e Cecília Maria de Brito Orsini, ambos da SBPSP.

No evento, aberto ao público, os psicanalistas falaram sobre as possibilidades de obter um futuro sustentável e inclusivo, baseado em um novo contrato com aquilo que se convencionou chamar de natureza, por meio do entrelaçamento da psicanálise, da arte e da religião. Manifestaram suas preocupações com as alterações climáticas extremas no planeta e suas consequências, e abordaram ainda o impacto que tais ocorrências causam na saúde mental. Nesse sentido, mostraram que a psicanálise se apresenta como um vértice importante de contribuição para a área.

Aos que não puderam estar presentes, mas desejam assistir ao debate, basta acessar o site da Febrapsi ou a playlist da SBPC no youtube, [neste link](#)

## Poesia

Keyla Carolina Perim Vale



16h07

**(ou o tempo para me tornar Didata)**

De que somos feitos?  
Ossos que se quebram, estilhaçam  
Lembranças que não acabam  
Contornos de cada-passo-da-vida e  
De tudo que para e re-começa às  
16h07...

Quanto tempo temos?  
Até hoje, muito mais que um  
passarinho  
Amanhã, dois sopros até cair.  
E o nosso segredo?  
A gente guarda no contorno-do-  
sete  
Escreve no papel-amarelo  
Grita para as janelas-fechadas  
Esquece no trem-para-Haia  
Esparrama-na-nuvem de quem fica  
Ou espera o próximo minuto...

Keyla Carolina Perim Vale  
Analista didata e membro titular da  
Sociedade de Psicanálise de Brasília  
(SPBsb) e da Sociedade Brasileira de  
Psicanálise de Goiânia (SBPGO)

Agradecimentos:

Aos meus analistas e supervisores  
À minha comissão de avaliação  
Aos nossos professores e colegas  
À Lannusa e Alessandra

# Biografia

## A princesa que salvou Freud dos nazistas

Helena Daltro Pontual

Diretora de Comunicação e Divulgação da SPBsb



Princesa da Grécia e da Dinamarca e sobrinha bisneta de Napoleão Bonaparte, primeiro imperador da França, Marie Léon Bonaparte foi uma escritora e psicanalista francesa, fundadora da Sociedade Psicanalítica de Paris. Foi ela quem ajudou Sigmund Freud e sua família a deixar a Áustria nazista em junho de 1938, contando com a ajuda do então embaixador norte-americano na França durante a Segunda Guerra Mundial, William Bullit. A história de seu relacionamento com Sigmund Freud e como ela ajudou sua família no exílio foi retratada no filme [Princesse Marie](#) (clique para assistir), dirigido por Benoît Jacquot e estrelado por Catherine Deneuve e Heinz Bennent.

Marie Bonaparte era filha de Roland Bonaparte e de Marie-Félix Blanc. Seu avô paterno era Pierre Napoleon Bonaparte, filho de Lucien Bonaparte e sobrinho de Napoleão. Seu avô materno foi François Blanc, fundador do Casino de Monte Carlo. Casada com o príncipe Jorge da Grécia em 1907, em Atenas, Marie teve com ele dois filhos. Ela nasceu em dois de julho de 1882 em Saint-Cloud. Dados sobre sua biografia atestam que ela teve uma infância complicada e solitária e uma juventude rebelde. Sua vida começou marcada pela tragédia: ela quase morreu ao nascer e sua mãe faleceu um mês após o parto. Por esse motivo, foi criada por babás. Em 1925 consultou-se com Freud para tratar de sua frigidez.

Ficou amiga e virou discípula de Freud, tornando-se a primeira psicanalista francesa. Além de traduzir e divulgar os livros de Freud, participou ativamente da vida científica e política da Sociedade Psicanalítica e escreveu extensa obra, grande parte dela explorando os mistérios da sexualidade feminina.

“Freud gostava de sua companhia porque ela não era uma mulher perigosa nem uma acadêmica. Quando eles se conheceram, Freud tinha quase 70 anos. Ela era uma mulher interessante, inteligente e rica” disse o professor de psicologia da Universidade de Lausanne, na Suíça, Rémy Amouroux em entrevista à BBC News Mundo. No ensaio *“A teoria da sexualidade feminina de Marie Bonaparte: fantasia e biologia”*, da historiadora Nellie Thompson, a autora conta que desde muito jovem Marie Bonaparte se recusou a aceitar o papel submisso reservado às mulheres da época. Na adolescência, começou a estudar idiomas, como inglês e alemão, e se saiu muito bem nos exames. No entanto, sua avó e seu pai a proibiram de realizar as provas finais, alegando que os inimigos dos Bonaparte poderiam sabotar os testes para humilhar a família. Revoltada, Marie teria dito: “malditos sejam meu nome, minha posição, minha fortuna. Droga, especialmente meu sexo! Porque se eu fosse um menino não me impediriam de tentar”.

(continuação da biografia)

Antes de completar 20 anos, Marie teve um caso com um dos assistentes de seu pai, que era casado, o que gerou escândalo, chantagem e humilhação para a princesa. Posteriormente, ela teve casos com o discípulo de Freud, Rudolph Loewenstein, e o então primeiro-ministro francês Aristide Briand.

Seus textos de psicanálise aplicada aos fatos da sociedade, da guerra e de criminosos, bem como sobre literatura, como seu estudo sobre Edgar Allan Poe, estão publicados, em sua grande maioria, na *Revue française de psychanalyse*, que ela criou com René Laforgue, Angélo Hesnard e Édouard Pichon. O primeiro número da revista traz seu artigo "Le cas de Mme. Lefebvre", onde ela comenta o crime edipiano dessa mulher, que assassinou sua nora grávida. Nessa época, ela também se manifestou contra a pena de morte. Marie Bonaparte morreu de leucemia no dia 21 de setembro de 1962, aos 80 anos de idade, em Saint-Tropez. Foi cremada em Marselha e suas cinzas estão enterradas junto com as do marido em Tatoï, perto de Atenas.

Referências:

MIJOLLA, A. Dicionário internacional da psicanálise. Rio de Janeiro: Imago, 2005. Por Jean-Pierre Bourgeron.

BBC News Mundo, 24 agosto 2021, Analía Llorente.

## Cursos e Grupos de estudos

### **Grupo de estudos preparatórios - Congresso de Psicanalistas de Língua Francesa**

Coordenação: Silvia Helena Heimbürger  
Um sábado por mês - 16h

### **Grupo de Estudos - Psicanálise vincular: Casal e Família**

Coordenação: Maria Lúcia Canalli  
Encontros quinzenais - sextas-feiras - 15h15

### **Grupo de Estudos sobre Metapsicologia**

Coordenação: Yesmin Sarkis  
Encontros mensais - quintas-feiras - 20h

### **Curso Considerações a respeito de neurose-psicose na obra de Freud**

Coordenação: Carlos de Almeida Vieira  
Encontros mensais - sábados - 15h

### **Curso Observação da relação mãe-bebê**

Coordenação: Liliana Dutra de Moares  
Encontros semanais - quintas-feiras - 20h

### **Curso Contribuições Kleinianas**

Coordenação: Liliana Dutra de Moares  
Encontros mensais - sábados - 9h

### **Formação continuada - Diversidade sexual e de gênero na contemporaneidade**

Coordenação: Almira Correia de Caldas Rodrigues  
Encontros quinzenais - segundas - 20h30



# Agenda nacional e internacional

# CORPO DIRETIVO SPBsb

## Precisamos falar sobre... Comportamento Suicida

28 de agosto de 2024 – *on-line*  
SBPMG  
Informações: [clique aqui](#)

## Vivenciar, sonhar e compreender emoções na relação analítica

29 de agosto de 2024 – híbrido  
SPPEL  
Informações: [clique aqui](#)

## Intersecções entre psicanálise e o teatro infantil. Reflexões sobre o musical “Adivinha o que é?”

4 de setembro de 2024 – híbrido  
SPPA  
Informações: [clique aqui](#)

## Cinema na Brasileira: A questão racial hoje

30 de agosto de 2024 – presencial  
SBPRJ  
Informações: [clique aqui](#)

## Psicanálise e Cinema Brasileiro em Tempos Sombrios

14 de setembro de 2024 – *on-line*  
SBPSP  
Informações: [clique aqui](#)

## VIII Jornada de Psicanálise – Caminhos do Trauma

19 a 21 de setembro de 2024 - presencial  
SPFOR  
Informações: [clique aqui](#)

## Jornada Internacional de Psicanálise – SBPCuritiba

28 de setembro de 2024 - presencial  
SBPCuritiba  
Informações: [clique aqui](#)

## Roda de conversa filme “História de um casamento”

25 de novembro de 2024 - presencial  
SBPGoiânia  
Informações: [clique aqui](#)

### DIRETORIA

Presidente: Mirian Elisabeth Bender Ritter de Gregorio  
Diretor do Instituto: Ana Velia Vélez de Sánchez Osella  
Diretora Científica: Daniela Yglesias de Castro Prieto  
Diretor de Comunidade e Cultura: Carlos Wilson de Andrade Filho  
Diretora de Comunicação e Divulgação: Helena Lopes Dalto Pontual  
Secretária: Aurea Chagas Cerqueira  
Tesoureira: Maria de Lourdes Zilli Guimarães

BIBLIOTECA: Aurea Chagas Cerqueira

### CENAPP - CENTRO DE ATENDIMENTO E PESQUISA EM PSICANÁLISE

Coordenação geral: Nize Nascimento  
Componentes das sub-comissões: Cláudia Camargo Capiberibe, Luciano Espírito Santo, Patricia Rebouças Malva Guiot

### DIRETORIA DE COMUNICAÇÃO E DIVULGAÇÃO

Diretora: Helena Dalto Pontual (editora do Boletim Informativo)  
Membros: Paola Amendoeira (editora) e Cláudia Carneiro (colaboradora) - Jornal Associação Livre

### COMISSÃO DE ENSINO

Ana Velia Vélez de Sánchez Osella (coordenadora), Keyla Carolina Perim Vale, Sílvia Helena Heimbürger, Líliliana Dutra de Moraes e Teresa Cristina de Moura Peixoto

### COMISSÃO DE PSICANÁLISE VINCULAR: FAMÍLIA E CASAL

Coordenadora: Lúcia Eugênia Velloso Passarinho  
Membros: Ana Velia Vélez de Sánchez Osella, Carmen Maria Souto de Oliveira, Maria Lúcia de Aragão Canalli, Maria José Miguel e Nize Nascimento

### COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Coordenação: Adriana de Souza Brill  
Membros: Ana Velia Vélez, Erika Reimann, Luciano Antunes e Lúcia Cristina Pimentel

### CONSELHO DE DIDATAS

Avelino Neto, Carlos de Almeida Vieira, José Nepomuceno Filho, Keyla Carolina Perim Vale, Márcio Nunes de Carvalho, Maria de Fátima Malva, Regina Lúcia Braga Mota, Roberto Calil Jabur, Ronaldo M. de Oliveira Castro, Sílvia Helena Heimbürger e Tito Nícias Teixeira da Silva

### REVISTA ALTER

Veridiana Canezin Guimarães (editora)  
Carlos Wilson de Andrade Filho (coeditor)

### SETOR DE PSICANÁLISE DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Líliliana Dutra de Moraes (coordenadora)

SECRETARIA ADMINISTRATIVA: Flávia Alvim e Lannusa Castro

## EXPEDIENTE

Boletim Informativo da SPBsb - edição trimestral  
Editora responsável: Helena Dalto Pontual  
Editoração: Lannusa Castro

Sociedade de Psicanálise de Brasília SPBsb  
SHIS QI 09 Bl. E-1 sala 105 - 71625-175  
Brasília-DF - (61) 3248-2309 - spbsb@spbsb.org.br - spbsb.org.br